



A UNIVERSIDADE POMBALINA

CIÊNCIA, TERRITÓRIO E
COLEÇÕES CIENTÍFICAS

ANA CRISTINA ARAÚJO
FERNANDO TAVEIRA DA FONSECA
(COORD.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

COLEÇÕES CIENTÍFICAS DO ILUMINISMO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA¹

Carlota Simões
Museu da Ciência
Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia
e Centro de Física da Universidade de Coimbra

Pedro Casaleiro
Museu da Ciência
e Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX
da Universidade de Coimbra

Resumo

Grande parte das coleções científicas da Universidade de Coimbra são hoje geridas pelo Museu da Ciência, inaugurado em Dezembro de 2006. A sua sede está instalada num edifício neoclássico magnificamente recuperado, o *Laboratorio Chimico*, contemporâneo do nascimento da química moderna, construído entre 1773 e 1777 a mando do Marquês de Pombal e o mais antigo edifício laboratório químico do mundo que manteve esta função quase até aos nossos dias. Os primeiros objetos das coleções do Museu da Ciência datam igualmente, na sua maioria, do Século das Luzes. Muito contribuíram para a riqueza do espólio as *Viagens Philosophicas* de Alexandre Rodrigues Ferreira, mas também a transferência para Coimbra da

¹ Este trabalho é uma versão revista e aumentada do texto (Simões et al. 2013).

coleção de física experimental do Colégio dos Nobres em Lisboa. Parte do acervo do Museu da Ciência pode ainda hoje ser visitado nas salas originais do século XVIII, no Colégio de Jesus, mais um edifício do complexo jesuítico transformado pelo Marquês de Pombal com o objetivo de promover em Coimbra o ensino experimental das ciências.

O *Laboratorio Chimico* e o Colégio de Jesus

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra distribui-se por dois edifícios: o *Laboratorio Chimico*, recuperado já durante o século XXI, e o Colégio de Jesus, que alberga grande parte das coleções científicas da Universidade de Coimbra (Pires e Pereira 2010). Os dois edifícios foram desenhados pela Casa do Risco, sob orientação do engenheiro militar e tenente-coronel William Elsdon, que se salientou como diretor das Obras da Reforma da Universidade de Coimbra levada a cabo pelo Marquês de Pombal (Araújo 2000).

Elsdon foi fundamental na criação e remodelação dos edifícios da Universidade iluminista, mas foi com o Bispo D. Francisco de Lemos (1735-1822), nomeado Reitor da Universidade de Coimbra em 1770 e Reformador da mesma Universidade em 1772, que a nova mentalidade iluminista se instalou (Franco 1983). Os novos Estatutos da Universidade (Estatutos 1772) foram publicados logo em 1772 e nenhum lente em exercício antes dessa data viu reconduzidas as suas funções. Para lecionar na nova universidade, Pombal trouxe para Coimbra Domenico Vandelli (1730-1816), Doutor em Medicina pela Universidade de Pádua, nomeado Lente de História Natural e Química em 1772; o Padre Monteiro da Rocha (1734-1819), nomeado Lente de Matemática em 1772 e de Astronomia em 1773; Giovanni Antonio Dalla Bella (1730-c.1823), da Universidade de Pádua, nome-

ado Lente de Física Experimental em 1772; Michele Antonio Ciera, engenheiro de Piemonte, nomeado Lente de Astronomia em 1772.

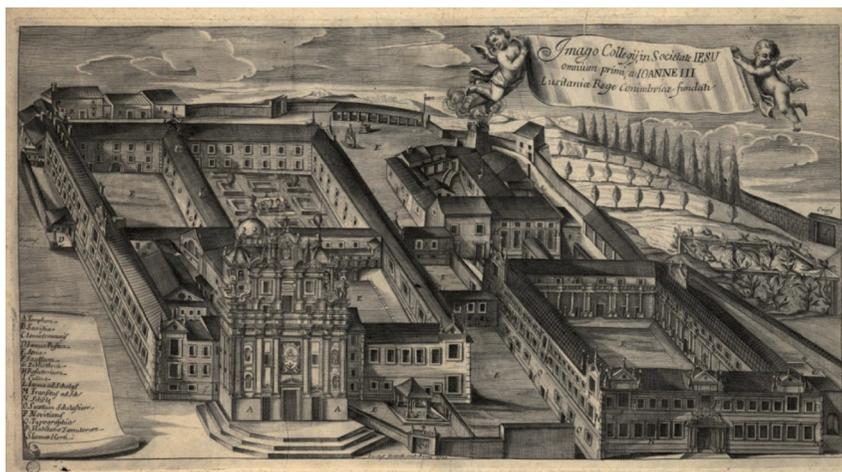


Fig. 1 – O complexo jesuítico no século XVIII, antes da intervenção Pombalina. À esquerda o Colégio de Jesus, à direita o Colégio das Artes. O refeitório é o edifício em segundo plano, à direita, e tem ligação direta aos dois colégios (gravura de Carlo Grandi, 1732, Biblioteca Nacional de Portugal).

O *Laboratorio Chimico* foi construído para o ensino da Química, entre 1773 e 1777, materializando a ideologia iluminista do ensino experimental da ciência (Pires 2006). Domenico Vandelli foi o seu primeiro Diretor (Costa 1986). Tomé Rodrigues Sobral (1759-1829), que sucedeu a Vandelli, alargou as potencialidades do Laboratório quando o adaptou temporariamente ao fabrico de pólvora para as tropas defensoras da cidade, na sequência da ocupação e saque de Coimbra pelas tropas napoleónicas em 1 de Outubro de 1810, ficando conhecido como o “mestre da pólvora”.

No decurso das obras de adaptação do *Laboratorio Chimico* a Museu, os trabalhos arqueológicos revelaram que o edifício do século XVIII fora construído a partir da sala do refeitório que servia o complexo dos colégios jesuítas do século XVI, composto pelo

Colégio de Jesus e pelo Colégio das Artes. A intervenção trouxe à luz, intactas, algumas provas da utilização do edifício pela Companhia de Jesus: várias janelas e um púlpito, bem como as fundações das cozinhas. Os elementos encontrados foram integrados na recuperação do edifício: o púlpito, uma janela conservada com a cantaria original, duas janelas no fundo da sala e o vigamento do teto, do qual se manteve o desenho e os tirantes originais (Casaleiro et al. 2006: 58).



Fig. 2 – Parede interior do *Laboratório Chimico* onde se identifica o púlpito e uma janela do refeitório jesuíta (fotografia de Emanuel Brás).

O projeto de arquitetura que consistiu na requalificação e adaptação do *Laboratório Chimico* à função museológica, da responsabilidade dos arquitetos João Mendes Ribeiro, Carlos Antunes e Desirée Pedro, viu reconhecida a sua qualidade com a atribuição

dos Prémios de Arquitetura Diogo de Castilho em 2007 e ENOR em 2009. O Museu da Ciência foi o vencedor do Prémio Micheletti 2008, que distingue o melhor e mais inovador museu europeu do ano em ciência, técnica e indústria (MCUC 2017). Quanto à exposição permanente Segredos da Luz e da Matéria que inaugurou em simultâneo com o edifício, é hoje uma mostra interdisciplinar de exemplares das várias coleções científicas da Universidade de Coimbra (Van Praët et al. 2006: 24).



Fig. 3 – O *Laboratório Chimico*, depois da intervenção do século XXI (fotografia de Emanuel Brás).

O Colégio de Jesus, face a face com o *Laboratório Chimico*, alberga hoje as coleções de física, zoologia, geologia, mineralogia e paleontologia (Ruivo 1997), (Ribeiro 2000), (Pinto e Marques 1999). O edifício que chegou aos nossos dias é a reconstrução do antigo Colégio de Jesus, estabelecido em 1542 pela Companhia de Jesus. A intervenção pombalina entre 1773 e 1775 adaptou o colégio, criando uma nova fachada principal virada a nascente de modo a tornar-se um edifício universitário, que passou a albergar os equipamentos destinados ao ensino experimental das ciências em magníficas instalações (Brigola 2003: 146).



Fig. 4 – O Colégio de Jesus (fotografia de Gilberto Pereira).

Com este espírito foram criados no edifício o Gabinete de História Natural e o Gabinete de Física Experimental, no quadro da Faculdade de Filosofia então criada (Estatutos 1772), preservados no Colégio de Jesus até aos nossos dias, e ainda o Hospital e o Dispensatório Farmacêutico, no quadro da Faculdade de Medicina.



Fig. 5 – O Gabinete de História Natural (fotografia de Gilberto Pereira).



Fig. 6 – O Gabinete de Física (fotografia de Gilberto Pereira).

A reforma criou também o Jardim Botânico, ainda hoje um dos tesouros da cidade de Coimbra e um Observatório Astronómico, que viria a publicar regularmente efemérides astronómicas.

Antes da Reforma Pombalina, a Botânica era sobretudo ensinada na Faculdade de Medicina; com a criação do Jardim Botânico incrementou-se o seu crescimento enquanto disciplina independente,

embora nesta altura ainda fosse ensinada na cátedra de História Natural, juntamente com a Zoologia e a Mineralogia, por um único professor, Domenico Vandelli (Cruz 1976: 5), (Amaral R. 2011: 40).

Do Observatório Astronómico pombalino nada resta: projetado para ser construído na Praça D. Dinis sobre o castelo medieval, viu abandonada a construção ainda no final do século XVIII sem sequer estar terminado o seu piso térreo, acabando por ser demolido nos anos 40 do século XX (Figueiredo 2013a).

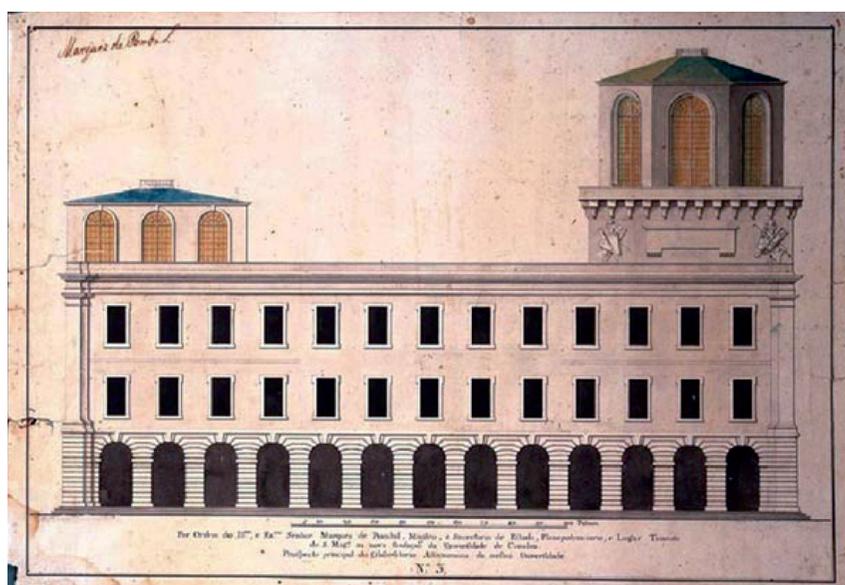


Fig. 7 – Projeto do Observatório Astronómico Pombalino, Elsdén, c. 1773 (Museu Nacional Machado de Castro, Inv. 2945/DA 23).

Ainda no século XVIII, seria construído um edifício mais modesto no topo sul do Paço das Escolas, junto à Biblioteca Joanina, projeto da autoria de Manuel Alves Macomboa, que em 1782 passara a ser o arquiteto responsável pelas obras universitárias (Craveiro 1990), mas também este edifício acabaria por ser demolido durante as obras de requalificação da Universidade por ordem expressa de Salazar:

‘A Alta é já de si, por obra dos nossos antepassados, uma grandiosa cidade universitária, só bastando para dar-lhe realce e valor libertá-la de incrustados, malfazejos e indignos das construções fundamentais, e completá-la com instalações apropriadas às exigências dos novos estudos. Isolar a colina sagrada, só cativa para o estudo na doce e calma atmosfera coimbrã; integrar no conjunto o edifício do Governo Civil, os Grilos, possivelmente S. Bento; fazer sobressair as imponentes massas de construções, hoje afogadas, que são o edifício central da Universidade, a Biblioteca, a Farmácia, a Faculdade de Letras, os Hospitais, a Associação Académica, a Sé Nova, o Museu; e – Deus me perdoe! – além de muitas outras coisas feias, *deitar abaixo aquela excrescência do Observatório Astronómico para deixar intacto aos olhos encantados o panorama maravilhoso do Mondego, das Lágrimas, da quinta das Canas, do Seminário, das encostas de tristes oliveiras, com a serra no horizonte longínquo* - é obra sem dúvida cara, mas realizável e útil e que só por si dará a Coimbra um lugar excepcional entre todas as universidades do mundo.’ (Salazar 1937)



Fig. 8 – O Observatório Astronómico (Figueiredo 2013a).

O Gabinete de Física

A coleção de instrumentos científicos e didáticos de Física da Universidade de Coimbra é, decerto, uma das mais notáveis e raras da Europa. Estabelecida inicialmente no Colégio dos Nobres em Lisboa por Dalla Bella, foi transferida para Coimbra para fundar o Gabinete de Física associado à disciplina de Física Experimental entretanto criada pelos Estatutos Pombalinos de 1772 (Martins 2013: 72). Dalla Bella, que entretanto tinha regressado a Pádua, foi convidado a voltar a Portugal, desta vez para Coimbra, tendo sido um dos responsáveis pela transferência da coleção de Lisboa para Coimbra (Carvalho 1978).



Fig. 9 – Um exemplar emblemático transferido do Colégio dos Nobres em exposição no Gabinete de Física é o equilibrista (MCUC|FIS.0021), um instrumento de demonstração do centro de gravidade de um corpo, na forma de um equilibrista trajado à época (fotografia de José Meneses).

Ao Gabinete chegaram, ao longo de mais de dois séculos, máquinas, aparelhos e instrumentos que o foram enriquecendo, acompanhando o desenvolvimento da física experimental (Antunes e Pires 2010). O que resta do Gabinete de Física do século XVIII é hoje um conjunto de verdadeiras obras de arte, valorizadas pela riqueza dos materiais e pela perfeição na execução, que ainda ocupam as salas e o mobiliário originais. A coleção conta com mais de três mil objetos e cerca de quinhentos livros antigos.

O Gabinete de História Natural

‘Para recolher os produtos naturais, que por qualquer via adquirir a Universidade, haverá uma Sala com a capacidade que requer um Museu, ou Gabinete digno da mesma Universidade.’
(Estatutos 1772, Livro III: 265)

De acordo com os Estatutos da Universidade, o Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra deveria englobar não só coleções particulares, mas sobretudo coleções resultantes de colheitas efetuadas ou coordenadas pelos professores da Faculdade de Filosofia (Baptista 2010: 52). Deste modo se deu o progressivo enriquecimento do espólio do Gabinete de História Natural, iniciado com a incorporação de uma coleção privada de Domenico Vandelli, proveniente de um museu que este tinha iniciado em Pádua e que constituía o seu gabinete particular, a que se juntaram as produções recolhidas por Vandelli durante a sua estadia em Lisboa; um terceiro lote de material foi doado à Universidade pelo Capitão José Rollem Van-Deck (Brigola 2003: 161). Com a extinção do Real Museu da Ajuda em 1836, podemos hoje afirmar que a Universidade de Coimbra tem à sua guarda o mais antigo museu de Portugal. O espólio foi entretanto enriquecido com as remessas enviadas do Brasil ao longo

de anos por Alexandre Rodrigues Ferreira (1756 – 1815), recolhidas no âmbito da sua Viagem Philosophica (1783-1792) à Amazónia (Areia et al. 1991), mas para um estudo aprofundado do tema das ligações culturais e científicas entre Portugal e Brasil no século XVIII e início do século XIX, recomendamos (Felismino 2014) e (Lourenço 2016).

No final de 2010, no âmbito de um levantamento das coleções científicas pertencentes à Universidade de Coimbra, foram encontrados 68 exemplares do século XVIII de peixes do Brasil, de diferentes espécies, conservados em seco e montados sobre cartão segundo a técnica de herbário. Pelas suas características únicas foram atribuídos à coleção do Real Museu da Ajuda e tudo leva a crer que em grande parte se podem tratar de exemplares das recolhas efetuadas por Alexandre Rodrigues Ferreira (Casaleiro et al. 2011). No arquivo do antigo Museu Bocage, hoje Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC), encontram-se os documentos relativos à remessa do Real Museu recebida em Coimbra em 1806 (Felismino 2014: 47). Em Portugal conhecem-se mais alguns exemplares de peixes conservados através desta técnica, que pertencem à coleção da Academia das Ciências de Lisboa. Muitos dos exemplares do Real Museu foram transferidos para Paris por ocasião das invasões francesas, fazendo hoje parte do acervo do Museu de História Natural de Paris.



Fig. 10 – Um exemplar de peixe conservado com a técnica de herbário (MCUC|ZOO.000018) (fotografia de José Meneses)

As coleções

Tanto Vandelli como Avelar Brotero (1744-1828) foram diretores do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, mas é em Lisboa, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, que se encontram os herbários que eles organizaram, já que ambos dirigiram também o Real Museu e o Jardim Botânico da Ajuda. O herbário da Universidade de Coimbra – que hoje tem mais de 800 000 exemplares – foi iniciado por Júlio Henriques em 1879. As restantes coleções científicas da Universidade de Coimbra compreendem cerca



Fig. 11 – O magnete chinês (MCUC | FIS.0290) é um dos objetos emblemáticos do Gabinete de Física e a sua história antecede o Colégio dos Nobres. O instrumento possui uma magnetite oculta numa armação que representa a coroa real. A magnetite foi um presente do Imperador da China a João V, Rei de Portugal em 1722 e o instrumento foi armado por William Dugood (1715–1767), membro da Royal Society que viveu em Portugal (fotografia de José Meneses).

de 550 000 objetos distribuídos por quatro categorias principais – História Natural, Etnografia, Instrumentos Científicos, Modelos – e ainda mais de duas mil obras em papel que incluem livro antigo, cartografia, painéis pedagógicos e arquivos. Cerca de 90% destes objetos são exemplares de História Natural da área da Zoologia. Os instrumentos e objetos de astronomia, física, química, história natural e medicina do século XVIII documentam de forma exemplar o ideal iluminista da busca pelo conhecimento científico.

Zoologia

A coleção zoológica é a mais numerosa, atingindo cerca de 500 mil exemplares. Contém o maior exemplar animal em museus portugueses, um esqueleto montado de uma baleia-comum (*balaenoptera physalus*, Linnaeus, 1758) de 20 metros de comprimento, em exposição permanente na Galeria de História Natural do Museu da Ciência. A coleção de vertebrados representa 5% do total e é composta por peles de espécimes de mamíferos, aves e peixes conservadas em seco e montadas através da taxidermia para exposição; espécimes completos de répteis e anfíbios conservados em líquido; e uma coleção osteológica de esqueletos montados e crânios. Entre os mamíferos encontram-se exemplares únicos a nível nacional, nomeadamente um exemplar de urso e um casal de cabras do Gerês, ambos extintos em Portugal. Os invertebrados representam o resto da coleção, dos quais 75% são insetos. As coleções mais importantes são as de escaravelhos, borboletas e conchas.

Botânica

O espólio de botânica é composto por uma coleção de mais de três mil exemplares de frutos, sementes e ramos conservados em

seco ou em líquido e uma série de produtos vegetais como resinas, gomas, fibras, cascas e madeiras do Brasil e países africanos de expressão portuguesa. Existe uma coleção importante de cerca de quinhentos modelos de flores e frutos, em cera e papier-maché, produzidos pelas mais famosas casas de modelos na Europa de finais do século XIX: Auzoux, Brendel, Jauch-Stein, Les Fils d'Émile Deyrolle entre outros (Amaral R. 2011: 85). O acervo de espécimes vegetais é complementado por uma valiosa coleção de fósseis de plantas, de instrumentos como microscópios e lupas, e ainda uma série de artefactos produzidos com materiais vegetais.

Mineralogia e Geologia

No último quartel do século XIX, o Museu de História Natural foi dividido em secções, de acordo com as grandes áreas das Ciências Naturais, sendo então criado o Museu Mineralógico e Geológico, que hoje integra a Galeria de Mineralogia do Museu da Ciência. As coleções de mineralogia, geologia e paleontologia estimam-se em mais de vinte mil exemplares com origem nas coleções criadas no fim do século XVIII, resultado de recolhas em Portugal e países de expressão portuguesa. A coleção paleontológica, de cerca de dez mil fósseis, é a mais numerosa (Callapez et al. 2010: 66). Entre 1890 e 1913 foram adquiridas coleções mineralógicas e paleontológicas a importantes casas europeias, como a Krantz (Schem-Gregory & Henriques 2013), (Callapez et al. 2014).

O acervo mineralógico constitui uma coleção de minerais portugueses e estrangeiros com cerca de cinco mil espécimes, assim como um conjunto de modelos cristalográficos. As coleções de rochas de Portugal e estrangeiras contêm mais de seis mil amostras.



Fig. 12 – O mineral Andradite (MCUC | MIN.SIL.001143)
(fotografia de José Meneses)

Da coleção de mineralogia faz parte o mineral *Andradite*, assim nomeado em 1868, em homenagem ao mineralogista José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), professor de Metalurgia da Universidade de Coimbra no início do século XIX (Ferreira 1998), e que também lutou pela liberdade e independência dos povos. Prova da luta que desenvolveu toda a sua vida é o facto de Andrada e Silva ter participado na resistência durante as invasões francesas em Portugal

e ter sido em seguida figura central do processo de independência no Brasil. No entanto, a primeira publicação sobre metalurgia em Portugal é a obra *Metallurgiae Elementa* (Barjona 1798) da autoria de Manuel José Barjona (1760-1831), lente substituto na Universidade de Coimbra em 1791 e professor catedrático de 1801 a 1828, quando foi preso na cadeia da Universidade por ter aderido à causa liberal. Já depois de libertado, foi-lhe aplicada a pena de demissão, acabando por terminar a sua vida na miséria.

Antropologia

A coleção antropológica é um acervo de cerca de catorze mil objetos constituído por coleções etnográficas e de osteologia humana, tendo como núcleo inicial a coleção recolhida por Alexandre Rodrigues Ferreira, na sua *Viagem Philosophica* à Amazónia no século XVIII (Ferrão e Soares org. 2005). Durante a sua viagem, descreveu a aparência, vestuário, adereços, armas, tatuagens e costumes das comunidades índias. Apenas a título de exemplo, Alexandre Rodrigues Ferreira recolheu junto dos índios Jurupixuna várias máscaras usadas em danças de agradecimento ou celebração que remeteu para o Real Museu da Ajuda e que foram integradas na Universidade de Coimbra em 1806, em conjunto com todo o material recolhido durante a viagem. A tribo Jurupixuna já não existe, nem deixou quaisquer máscaras como estas no Brasil, sendo hoje um conjunto de máscaras raríssimo e de valor incalculável. Faz parte do acervo da Real Academia das Ciências de Lisboa, um conjunto similar de objetos que completa esta coleção.



Fig. 13 – Máscara zoomorfa usada pelos índios Jurupixuna, que representa um papa-formigas (MCUC | ANT.Br.137). Foi recolhida por Alexandre Rodrigues Ferreira durante a sua *Viagem Filosófica* ao Brasil, no século XVIII (fotografia de Carlos Barata)

As coleções etnográficas, recolhidas em missões, por aquisição, oferta ou doação, na sua maioria durante o século XIX, representam Portugal e os países de língua portuguesa: Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé, Guiné, Macau, Timor e Goa entre outros (Amaral, A. R. et al. 2013). Do acervo antropológico faz também parte uma coleção notável de modelos de frenologia adquiridos em Paris e legados pelo Comendador Gama Pereira.

Química

A coleção de química tem o seu início associado às atividades de ensino e de investigação implementadas no *Laboratorio Chimico* em 1772. Destaca-se pela sua raridade uma coleção de fornos cerâmicos de reverbero fabricados no próprio laboratório, assim como um conjunto de sete potes de botica em faiança do fim do século XVIII, atribuídos a Domenico Vandelli. A coleção no seu conjunto reúne, para além das raridades da química do século XVIII, mais de mil peças maioritariamente datadas do século XIX e XX. Deste núcleo faz parte um conjunto de mobiliário químico de bancadas e nichos de evaporação, e um grande número de balanças, retortas, frascos e estufas (Costa 1986).

Astronomia

O núcleo mais antigo da coleção de astronomia está associado à atividade científica do Observatório Astronómico fundado no século XVIII, que incidia no estudo da astronomia e da matemática para a geografia e para a navegação (Alves org. 2004). O Padre Monteiro da Rocha, matemático e astrónomo, foi nomeado diretor do Observatório Astronómico em 1795, equipando-o com instrumentos vindos do Colégio dos Nobres de Lisboa e com encomendas ao construtor João Jacinto Magalhães em Londres. Fazem parte da coleção uma dezena de instrumentos da autoria de um dos mais importantes construtores de instrumentos científicos do século XVIII, o inglês George Adams.



Fig. 14 – Esfera armilar com planetário (MCUC | AST.I.006), construída por George Adams, século XVIII. Trata-se de um modelo da Terra, do Universo e do Sistema Solar. A esfera possui, no seu interior, um planetário com o Sol no centro rodeado pelos planetas conhecidos na época (fotografia de José Meneses)

A coleção de astronomia foi saqueada pelas tropas napoleónicas durante as invasões francesas em Coimbra, em 1810. Da coleção faz hoje parte uma pêndula de compensação de Berthoud, um instrumento utilizado para a determinação da hora de observações astronómicas, que caiu durante o saque partindo-se uma roda dentada, tendo o oficial encarregado desistido dele.



Fig. 15 – Pêndula de Berthoud (MCUC | AST.I.023)
(fotografia de João Armando Ribeiro)

A coleção atual é constituída por cerca de mil objetos incluindo mais de 200 instrumentos de observação, complementados por um conjunto de acessórios e ferramentas. Existe ainda uma coleção de desenhos, mapas e cartas celestes assim como um núcleo de livro antigo.

Conclusão

Ao longo de mais de dois séculos, foram muitos os que contribuíram para a coleção de Coimbra, adquirindo, produzindo ou sugerindo a inclusão de novos objetos. O Marquês de Pombal, Vandelli, o Padre Monteiro da Rocha, Alexandre Rodrigues Ferreira, bem como outros homens dos séculos XVIII e XIX foram fundamentais

para a construção e preservação deste verdadeiro tesouro científico e patrimonial. Coimbra foi atacada e espoliada no início do século IX, mas mesmo assim, a coleção continuou vasta e valiosa. O século XX iria destruir o Observatório Astronómico e o Gabinete de Física Experimental esteve prestes a ser diminuído, não fosse a intervenção providencial de Mário Silva (1901-1977) (Nobre, 1997). Apesar de todos os contratemplos, uma boa parte da coleção do Século das Luzes conseguiu chegar intacta ao século XXI. O Museu da Ciência é um projeto de grande fôlego da Universidade de Coimbra, que visa a preservação, a divulgação e o estudo deste valioso património do iluminismo nacional.

A Universidade de Coimbra foi classificada como Património Mundial pela UNESCO em 2013 e faz parte da Associação de Cidades e Entidades do Iluminismo desde Outubro de 2015. Já o Gabinete de Física, porque permanece no seu espaço de origem mantendo as suas características desde o tempo da sua fundação e porque a sua coleção de instrumentos científicos é uma representação notável da evolução da Física nos Séculos XVIII e XIX, foi recentemente classificado como Sítio Histórico pela Sociedade Europeia de Física. Passaram 727 anos desde a assinatura do documento fundador da Universidade de Coimbra, *Scientiae thesaurus mirabilis*: graças ao Rei D. Dinis, o documento fundador da Universidade de Coimbra já continha em si a palavra *ciência*.